

KEVIN KWAN

PROBLEMAS DE GENTE RICA

Tradução de
Ana Carolina Mesquita
e
Mariana Mesquita

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

EDITORA-EXECUTIVA
Renata Pettengill
SUBGERENTE EDITORIAL
Mariana Ferreira
ASSISTENTE EDITORIAL
Pedro de Lima
AUXILIAR EDITORIAL
Juliana Brandt

REVISÃO
Marco Aurelio Souza
Mauro Borges
DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System
TÍTULO ORIGINAL
Rich People Problems

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Kwan, Kevin, 1973-

K98p

Problemas de gente rica [recurso eletrônico] / Kevin Kwan ;
tradução Ana Carolina Mesquita, Mariana Mesquita. - 1. ed. - Rio
de Janeiro : Record, 2021.

recurso digital

Tradução de: Rich people problems

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-296-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana
Carolina. II. Mesquita, Mariana. III. Título.

21-71006

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Título original em inglês:
Rich People Problems

Copyright © 2017 by Tyersall Park Ltd.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados. Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-296-5

Seja um leitor preferencial Record. Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

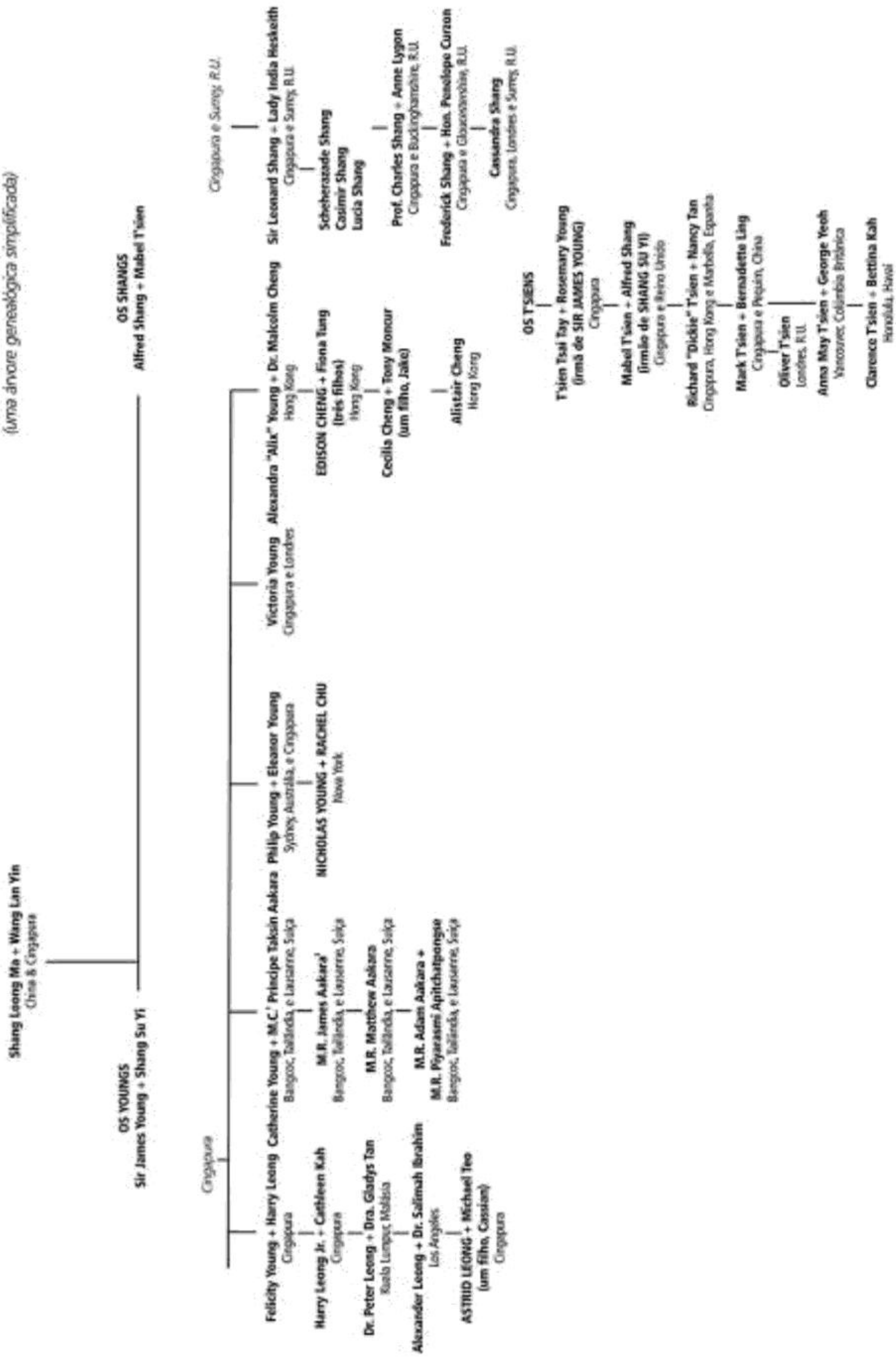
Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



O CLÁ DOS YOUNGS, T'SIENS E SHANGS

(uma árvore genealógica simplificada)



PROBLEMA Nº 1

Sua mesa de sempre, no fabuloso restaurante da ilha exclusiva onde você tem uma casa de praia, está ocupada.

ILHA HARBOUR, BAHAMAS,
21 DE JANEIRO DE 2015

Bettina Ortiz y Meña não estava acostumada a esperar. Ex-Miss Venezuela (e segunda colocada no Miss Universo, é claro), a loira arruivada excessivamente bronzeada era hoje a esposa do milionário do ramo de autopeças de Miami, Herman Ortiz y Meña, e em todo restaurante que escolhia dar o ar da graça era sempre recebida com reverência e conduzida exatamente à mesa que escolhia. Hoje ela desejava a mesa de canto no terraço do Sip, seu lugar preferido para almoçar na Ilha Harbour. Queria se sentar em uma das confortáveis cadeiras estilo diretor de cinema cor de laranja e observar as águas turquesa que batiam suavemente na praia, enquanto degustava sua salada Caesar de couve kale, porém um grupo enorme e barulhento havia tomado conta do terraço inteiro, e não parecia estar com a menor pressa de pedir a conta.

Bettina, possessa, olhava feio para os turistas que saboreavam alegremente seu almoço ao sol. Como eram bregas... as mulheres eram bronzeadas demais, enrugadas e tinham a pele flácida, nenhuma delas tratada de forma adequada com Botox ou lifting. Ela teve vontade de ir até a mesa e distribuir cartões de visita de

seu dermatologista. Os homens eram ainda piores! Todos usavam camisas velhas amassadas e shorts, e de quebra aqueles chapéus de palha baratos vendidos nas lojas de bugigangas na rua Dunmore. Por que essa gente tinha de vir para cá?

Aquele paraíso de quase 6 quilômetros de extensão, com praias imaculadas de areia cor-de-rosa, era um dos segredos mais bem guardados do Caribe, um porto seguro para os ultrarricos, repleto de casinhas de madeira exóticas pintadas em tons de *sherbet*, butiques charmosas, mansões chiques à beira-mar transformadas em pousadas e restaurantes cinco estrelas que rivalizavam com os de St. Barths. Os turistas deviam ser submetidos a um exame de estilo para conseguir autorização para colocar os pés naquela ilha! Sentindo que já tinha sido mais do que compreensiva, Bettina entrou como um furacão na cozinha, fazendo a franja de seu caftan de crochê Pucci se sacudir vigorosamente, enquanto seguia até a mulher de cabelos loiros curtíssimos que pilotava o fogão principal.

— Julie, querida, o que está acontecendo aqui? Estou esperando há mais de *15 minutos* pela minha mesa! — Bettina suspirou, olhando para a dona do restaurante.

— Desculpe, Bettina, hoje está sendo um daqueles dias. O grupo de 12 pessoas no terraço chegou um pouco antes de você — respondeu Julie, enquanto entregava uma tigela de chili de escargot apimentado a um garçom.

— Mas o terraço é o seu espaço mais exclusivo! Por que raios você deixou aqueles *turistas* tomarem conta do lugar?

— Bom, acontece que aquele *turista* de boné vermelho é o duque de Glencora. O grupo dele acabou de aportar vindo de Windermere... o barco dele, o *Royal Huisman*, é aquele ali atracado perto da praia. Não é o veleiro mais maravilhoso que você já viu na vida?

— Eu não ligo para barcos grandes — bufou Bettina, embora,

por dentro, ligasse, e muito, para quem tinha títulos importantes de nobreza.

Da janela da cozinha, ela agora observava com outros olhos o grupo reunido no terraço. Que raça mais estranha a desses aristocratas britânicos. Sim, claro, eles tinham seus ternos da Savile Row e suas tiaras que eram relíquias de família, mas, quando estavam viajando, pareciam uns desmazelados.

Foi só então que Bettina notou três homens altos e bronzeados de camiseta branca e calça preta kevlar sentados à mesa ao lado. Aqueles caras não estavam comendo, eles apenas observavam atentamente, bebericando suas águas com gás.

— Suponho que aqueles sejam os seguranças do duque. Não podiam ser mais discretos, não é? Será que eles não sabem que todos nós somos bilionários aqui em Briland¹ e que não é assim que fazemos as coisas? — Bettina revirou os olhos com desdém.

— Na verdade, aqueles seguranças são do convidado especial do duque. Eles fizeram uma varredura completa do restaurante antes do grupo chegar. Olharam até na minha câmara frigorífica. Está vendo aquele chinês na cabeceira?

Bettina apertou os olhos por trás de seus óculos de sol Dior Extase para enxergar melhor o homem oriental corpulento de 70 e poucos anos e cabelos ralos trajando uma camisa de golfe de mangas curtas comum e calça cinza.

— Nossa, eu nem o tinha notado! Alguém que eu deveria conhecer?

— Aquele é *Alfred Shang* — disse Julie, em um sussurro.

Bettina deu uma risadinha.

— Parece mais o chofer deles. Ele não parece aquele homem que fazia o motorista da Jane Wyman em *Falcon Crest*?

Julie, que estava tentando se concentrar em selar um filé de atum de forma perfeita, balançou a cabeça com um sorriso de lábios cerrados.

— Pelo que ouvi dizer, aquele “chofer” é o cara mais poderoso da Ásia.

— Como é mesmo o nome dele?

— Alfred Shang. É cingapuriano, mas mora a maior parte do tempo em uma propriedade na Inglaterra que, segundo me disseram, tem a metade do tamanho da Escócia.

— Bom, eu nunca nem vi o nome dele na lista dos VIPs — desdenhou Bettina.

— Bettina, tenho certeza absoluta de que você sabe que existe gente rica demais nesse planeta para nem sequer aparecer nessas listas!

PROBLEMA Nº 2

O médico com quem você assinou um contrato anual de 1 milhão de dólares para que fique à sua disposição 24 horas por dia está ocupado, atendendo outro paciente.

Sentado no terraço, diante da lendária praia da Ilha Harbour, Alfred Shang se maravilhava com a vista espetacular à sua frente. *É verdade mesmo... a areia é cor-de-rosa!*

— Alfred, suas quesadillas de lagosta vão esfriar! — O duque de Glencora intrometeu-se em seus pensamentos, interrompendo seu devaneio.

— Quer dizer que foi por isso que você me arrastou até aqui? — questionou Alfred, olhando com ceticismo para os triângulos posicionados com esmero à sua frente. Ele não era um grande fã de comida mexicana, exceto quando preparada pelo chef de seu grande amigo Slim, na Cidade do México.

— Experimente antes de julgar.

Alfred deu uma mordida calculada e não disse nada, enquanto a combinação de tortilla semicrocante, lagosta e guacamole faziam sua mágica.

— É ou não é uma maravilha? Estou tentando convencer o chef do Wilton a replicar isso aqui há anos! — disse o duque.

— Faz meio século que eles não mudam nada no Wilton... acho que a chance deles um dia incluírem esse prato no menu é mínima. — Alfred riu, apanhando com os dedos um pedaço de lagosta que havia caído em cima da mesa e enfiando-o na boca. Seu celular começou a vibrar no bolso de trás da calça. Ele o retirou e olhou para a tela, aborrecido. Todos sabiam que não deviam perturbá-lo durante a viagem de pesca que fazia com o duque todos os anos.

Na tela estava escrito: PRIMEIRO ANDAR DE TYERSALL.

Era sua irmã mais velha, Su Yi, a única pessoa cujos telefonemas ele aceitava independentemente da hora. Ele atendeu no mesmo instante, e uma voz inesperada disse em cantonês:

— Sr. Shang, é Ah Ling.

Ele demorou alguns segundos para se lembrar de que era a governanta de Tyersall Park.

— Ah... Ling Jeh!²

— Minha senhora me pediu que telefonasse para o senhor. Ela se sentiu muito mal essa noite e acabou de ser levada para o hospital. Achamos que é um infarto.

— Como assim, *achamos*? Ela teve ou não teve um infarto? — De seu inglês britânico refinado, Alfred mudou rapidamente para o cantonês, alarmado.

— Ela... ela não sentiu dores no peito, mas suava muito e acabou vomitando. Disse que sentia o coração disparado — gaguejou Ah Ling, nervosa.

— E o professor Oon foi vê-la? — quis saber Alfred.

— Tentei ligar para o celular do doutor, mas a ligação caiu direto na caixa postal. Depois liguei para a casa dele, e alguém me informou que ele estava na Austrália.

— Por que *você* é que está me telefonando? Victoria não está em casa?

— Sr. Shang, Victoria não está na Inglaterra?

Alamak. Ele tinha se esquecido completamente de que sua sobrinha — filha de Su Yi, que morava em Tyersall Park — estava naquele momento na casa dele em Surrey, sem dúvida fofocando com a esposa e a filha dele.

— E Felicity? Não foi vê-la? — perguntou Alfred, incisivo, sobre a filha mais velha de Su Yi, que morava na Nassim Road, perto da mãe.

— A Sra. Leong não pôde ser contatada essa noite. A empregada dela nos disse que ela tinha ido à igreja, e que sempre desliga o celular quando está na casa de Deus.

Bando de imprestáveis, todas elas!

— Bem, você chamou uma ambulância?

— Não, ela não quis ambulância. Vikram a levou de carro até o hospital na Daimler, acompanhada pelas suas damas de companhia e dois gurkhas. Mas, antes de ir, ela disse que o senhor saberia como entrar em contato com o professor Oon.

— Ok, ok. Deixe que eu cuido desse assunto — disse Alfred, bufando, e desligou o celular.

Todos na mesa olharam para ele, cheios de expectativa.

— Minha nossa, parece que aconteceu alguma coisa séria — comentou o duque, apertando os lábios, preocupado.

— Me deem só um instante... por favor, continuem — disse Alfred, levantando-se da cadeira. Os seguranças o seguiram enquanto ele cruzava o restaurante a passos largos e saía pela porta que dava para o jardim.

Alfred apertou outro número em sua lista de discagem rápida:

CASA DO PROF. OON.

Uma mulher atendeu o telefone.

— É Olivia que está falando? Alfred Shang.

— Oh, Alfred! Está procurando Francis?

— Sim. Me disseram que ele está na Austrália, é verdade? —

Por que raios eles pagavam 1 milhão de dólares para esse médico ficar 24 horas à disposição se ele nunca estava disponível?

— Ele partiu para Sydney faz uma hora. Vai fazer uma cirurgia tripla de ponte de safena naquele ator que ganhou Oscar pelo...

— Quer dizer que ele está em um avião agora?

— Sim, mas vai chegar daqui a algumas horas, se o senhor precisar de...

— Me diga logo o número do voo dele — interrompeu-a Alfred. Ele se virou para um de seus seguranças e perguntou: — Quem está com o telefone de Cingapura? Alguém coloque o Istana³ na linha agora mesmo.

Virando-se para outro segurança, disse:

— E faça o favor de pedir outra daquelas quesadillas de lagosta.

PROBLEMA Nº 3

Seu avião é forçado a aterrissar antes que você consiga terminar seu Dom Pérignon.

JAVA ORIENTAL, INDONÉSIA

Os lençóis de seda tinham acabado de ser distribuídos nas suítes

da primeira classe, o enorme Airbus A380-800 de dois andares tinha atingido uma confortável altitude de cruzeiro de 38 mil pés, e a maioria dos passageiros estava confortavelmente instalada em seus assentos, navegando pelas opções de filmes disponíveis. Instantes depois, os pilotos do voo 231 da Singapore Airlines com destino a Sydney receberam instruções estranhíssimas da torre de controle de Jacarta, ao sobrevoarem o espaço aéreo indonésio:

TORRE DE CONTROLE: Cingapura Dois Trinta e Um Super Jacarta.

PILOTO: Cingapura Dois Trinta e Um Super na escuta.

TDC: Recebi instruções para que deem meia-volta imediatamente e retornem ao Aeroporto Changi de Cingapura.

PILOTO: Jacarta, querem que retornemos ao Changi de Cingapura?

TDC: Sim. Manobrem o avião e retornem imediatamente a Cingapura. Tenho a rota alterada disponível aqui.

PILOTO: Jacarta, qual o motivo para a mudança de rota?

TDC: Não tenho essa informação, mas a ordem veio do Diretório Central de Aviação Civil.

Os pilotos se entreolharam, sem acreditar no que ouviam.

— Será que temos mesmo que fazer isso? — perguntou-se em voz alta o comandante. — Vamos desperdiçar 250 mil litros de combustível antes de aterrissar!

Nesse exato momento, o sistema de rádio de chamadas seletivas acendeu-se com a chegada de uma mensagem. O copiloto leu a mensagem rapidamente e olhou, incrédulo, para o comandante.

— *Wah lan!* É do ministro da Defesa, *pqp!* Ele mandou a gente voltar para Cingapura agora!

Quando o avião fez um pouso inesperado no Aeroporto Changi apenas três horas depois de ter decolado, os passageiros

estavam desorientados e espantados frente ao curso inesperado dos acontecimentos. Um aviso foi dado pelo alto-falante:

— Senhoras e senhores, devido a um imprevisto, tivemos de realizar uma mudança emergencial de rota para retornar a Cingapura. Por favor, permaneçam sentados em seus lugares com os cintos de segurança afivelados, pois nosso voo para Sydney será retomado imediatamente após o reabastecimento da aeronave.

Dois homens em discretos ternos escuros entraram no avião e se aproximaram do homem sentado na suíte 3A — o professor Francis Oon, a maior sumidade em cardiologia de Cingapura.

— Professor Oon? Sou o tenente Ryan Chen da SID.⁴ Por gentileza, queira nos acompanhar.

— Mas vamos desembarcar do avião? — perguntou o professor Oon, assustado. Em um minuto ele estava no meio de *Garota exemplar*, e, no instante seguinte, o avião tinha aterrissado novamente em Cingapura. Ele nem sequer se recuperara da trama eletrizante do filme.

O tenente assentiu, secamente.

— Sim. Por favor, reúna todos os seus pertences; o senhor não irá mais retornar a esse voo.

— Mas... mas... mas o que foi que eu fiz? — perguntou o professor Oon, sentindo-se subitamente apreensivo.

— Não se preocupe, o senhor não fez nada. Mas precisamos que desembarque desse avião imediatamente.

— Serei o único a sair?

— Será. Vamos escoltá-lo diretamente ao Hospital Mount Elizabeth. O senhor foi solicitado a atender uma paciente VVIP.

Naquele momento, professor Oon soube que algo devia ter acontecido com Shang Su Yi. Só os Shangs possuíam esse tipo de influência, capaz de obrigar um avião da Singapore Airlines com 440 passageiros a bordo a dar meia-volta.

-
1. Ligeiro exagero, mas essa ilha — apelidada carinhosamente de “Briland” pelos moradores locais — é lar de 12 bilionários (segundo a última contagem, e de acordo com quem está contando).
 2. Em cantonês, “irmã mais velha”. Frequentemente usado como um termo que indica familiaridade para com os serviçais, tal como “*boy*” em inglês, a exemplo de Sonny Boy ou Johnny Boy.
 3. Em malaio, “palácio”. Aqui, Alfred está se referindo ao Istana, em Cingapura, residência oficial do presidente.
 4. A Security and Intelligence Division (Divisão de Segurança e Inteligência), o equivalente em Cingapura à CIA, nos Estados Unidos, ou ao MI5, na Grã-Bretanha. É tão secreta que a maioria das pessoas nem sequer sabe que ela existe. Mas, sim, aquele homem comendo espeto de bolinho de peixe em frente à NTUC FairPrice poderia ser o James Bond cingapuriano — e você nunca iria saber.

Parte Um

“A única coisa de que gosto nos ricos é o dinheiro.”

— NANCY ASTOR, VISCONDESSA ASTOR



DAVOS, SUÍÇA

Edison Cheng olhou para o altíssimo teto com estrutura hexagonal no vasto auditório branco, sentindo-se no topo do mundo. *Estou aqui. Finalmente, estou aqui!* Depois de anos de networking a um nível olímpico, Eddie por fim havia conseguido: fora convidado para a reunião anual do Fórum Econômico Mundial em Davos. O prestigioso evento, ao qual se poderia comparecer somente com convite,⁵ era a reunião mais exclusiva de elite do planeta.

Todos os anos, em janeiro, os mais importantes chefes de Estado, políticos, filantropos, CEOs, gurus da tecnologia, líderes de inovações, ativistas sociais, socioempreendedores, e, claro, estrelas de cinema,⁶ desembarcavam naquele recluso resort no alto dos Alpes suíços em seus jatinhos particulares, se hospedavam nos mais luxuosos hotéis, trajavam suas jaquetas e botas de esqui de 5 mil dólares e se entretinham em debates relevantes sobre questões urgentes, como aquecimento global e aumento da desigualdade social.

E agora Eddie fazia parte daquele clube ultraexclusivo. Como vice-presidente executivo sênior de Private Banking (Global) do Grupo Liechtenburg, ele se via agora no meio do auditório

futurístico do Centro de Convenções, respirando seu ar rarefeito e vendo fragmentos do próprio reflexo na elegante perna cromada de uma cadeira do auditório. Usava o terno novo sob medida da Sartoria Ripense que fora revestido internamente com cashmere de dez fios para que não fosse preciso usar uma jaqueta de esqui por cima. Suas novas chukkas de camurça de esquilo da Corthay tinham solas de borracha especiais, para que ele não deslizesse nas ruas escorregadias dos Alpes. Em seu pulso repousava sua mais recente aquisição horológica — um A. Lange & Söhne Richard Lange “Pour Le Mérite”, que saía da sua manga na quantidade exata para que os demais aficionados por relógios de pulso soubessem o que ele estava usando. Porém o mais importante de tudo era o que ele exibía sobre todo aquele esplendor de elegância sartorial — um cordão preto em cuja extremidade estava preso um crachá de plástico com seu nome impresso no meio: *Edison Cheng*.

Eddie acariciou o crachá de plástico como se fosse um amuleto de joias incrustadas concedido a ele pessoalmente pelo Deus de Davos. Aquele crachá o distinguia de todos os peões da conferência. Ele não era um relações-públicas qualquer, um jornalista ou um dos ouvintes comuns. Aquele crachá branco de plástico com a linha azul embaixo indicava que ele era um *delegado oficial*.

Eddie olhou em torno do salão para todos os grupos de pessoas entretidas em conversas em voz baixa, tentando ver qual ditador, déspota ou diretor ele conseguiria reconhecer e com quem, posteriormente, poderia interagir. Pelo canto do olho, avistou um chinês alto usando uma parca de esqui cor de laranja fosforescente espiando pela porta lateral do auditório, parecendo meio perdido. *Espere aí, eu conheço esse cara. Não é o Charlie Wu?*

— Ei... Charlie! — berrou Eddie, um pouco alto demais,

enquanto andava apressado em direção ao homem. *Espere só até ele ver meu crachá oficial de delegado!*

Charlie sorriu ao reconhecê-lo.

— Eddie Cheng! Acabou de chegar de Hong Kong?

— De Milão, na verdade. Estava nos desfiles de moda masculina... primeira fila da Etro.

— Uau. Acho que ser um dos Homens Mais Bem-Vestidos segundo a *Hong Kong Tattle* é coisa séria, não? — brincou Charlie.

— Na verdade, fui escolhido para integrar o Hall da Fama dos Mais Bem-Vestidos do ano passado — respondeu Eddie, com seriedade.

Ele avaliou rapidamente Charlie da cabeça aos pés, notando que estava usando calças cáqui com bolsos cargo e um pulôver azul-marinho por baixo daquela parca laranja fosforescente. *Que pena... ele costumava ser tão elegante quando mais jovem, e agora se vestia como um zé-ninguém geek da tecnologia.* — E cadê o seu crachá, Charlie? — perguntou Eddie, exibindo o dele com orgulho.

— Ah, é. Temos que usar direto, não é? Obrigado por me lembrar... está em algum lugar na minha bolsa carteirairo.

Charlie remexeu a bolsa por alguns segundos até retirar de lá seu crachá, e, quando Eddie o viu, sua curiosidade se transformou em espanto. Foi como se ele tivesse sido atingido por um balde de água fria. O que Charlie tinha nas mãos era um crachá completamente branco com um adesivo holográfico brilhante. *Putá que pariu! Aquele era o crachá mais cobiçado de todos! Só os líderes mundiais recebem aquele crachá! A única pessoa que ele tinha visto com um daqueles até agora foi Bill Clinton. Como é que Charlie conseguiu um? Tudo o que ele fazia era dirigir a maior empresa de tecnologia da Ásia!*

Tentando esconder sua inveja, Eddie soltou:

— Ei, você vai assistir ao meu painel? Apocalipse asiático: como proteger seus bens quando a bolha da China explodir?

— Na verdade, vou dar uma palestra no IGWEL⁷ agora. A que horas você vai falar?

— Às duas. Sobre o que vai ser sua palestra? — perguntou Eddie, achando que poderia dar um jeito de se infiltrar na reunião exclusiva com Charlie.

— Não preparei nada, na verdade. Acho que a Angela Merkel e alguns dos escandinavos só querem que eu dê uns conselhos.

Naquele instante, a assistente-executiva de Charlie, Alice, aproximou-se deles.

— Alice, veja quem eu encontrei! Sabia que ia topar com alguém da terrinha mais cedo ou mais tarde — comentou Charlie.

— Sr. Cheng, que prazer vê-lo aqui. Charlie... posso dar uma palavrinha com você?

— Claro.

Alice olhou para Eddie, que parecia bastante ansioso para que ela falasse o que tinha a dizer enquanto ele ainda estava por perto.

— Hã... você se importaria de me acompanhar um momentinho? — perguntou ela, de forma diplomática, conduzindo Charlie até uma sala lateral mobiliada com diversas *chaises longues* e mesinhas de centro de vidro em formato de cubo.

— O que foi? Ainda não conseguiu se recuperar por ter compartilhado a mesa de café da manhã com Pharrell? — brincou Charlie.

Alice deu um sorriso tenso.

— Há uma situação se desenrolando desde o início da manhã, mas não quisemos perturbá-lo até termos mais informações.

— Ok, desembucha.

Alice respirou fundo antes de falar.

— Acabei de receber as últimas atualizações do nosso chefe de segurança em Hong Kong. Não sei exatamente como dizer isso, mas Chloe e Delphine estão desaparecidas.

— Como assim, *desaparecidas*? — Charlie estava atônito. As filhas dele viviam sob vigilância 24 horas e eram conduzidas a qualquer lugar com precisão militar pela sua equipe de seguranças, treinada pela SAS. *Desaparecidas* não era uma variável na vida delas.

— A equipe Chungking foi destacada para pegá-las em frente à Diocesan às três e cinquenta da tarde, mas as meninas não foram localizadas na escola.

— Não foram localizadas... — murmurou Charlie, chocado.

Alice continuou:

— Chloe não respondeu a nenhuma das mensagens no celular, e Delphine não apareceu para o ensaio do coral às duas. Eles pensaram que ela talvez tivesse matado aula com a coleguinha Kathryn Chan e ido àquele lugar que vende frozen iogurte, como fizeram da última vez, mas Kathryn compareceu ao ensaio de coral, e Delphine, não.

— Alguma das duas ativou o código de pânico? — perguntou Charlie, tentando manter a calma.

— Não. Parece que os celulares das duas foram desativados, portanto não conseguimos rastreá-las. A Equipe 2046 já falou com o comandante Kwok. A polícia de Hong Kong está em alerta. Quatro das nossas próprias equipes também estão buscando as meninas em toda parte, e a escola está nesse momento revendo as imagens das câmeras de segurança com o Sr. Tin.

— Suponho que alguém já falou com a mãe delas, não? — A mulher de Charlie, de quem ele estava separado, morava na casa do casal no The Peak, e as crianças passavam semana sim,

semana não com ela.

— Isabel não pôde ser contatada. Ela informou à governanta que iria almoçar com a mãe no Clube de Críquete Kowloon, mas, segundo a mãe dela, as duas não se falaram durante a semana.

Justamente naquele momento, o celular de Alice tocou de novo e ela o atendeu de imediato. Escutou em silêncio, assentindo de vez em quando. Charlie observou-a, seus pensamentos estavam longe. *Aquilo não podia estar acontecendo. Aquilo não podia estar acontecendo. Dez anos atrás seu irmão Rob fora sequestrado pela organização criminosa chinesa Eleven Finger Triad. Era como um déjà-vu.*

— Certo. *Tor jeh, tor jeh*⁸ — disse Alice, desligando. Ela olhou para Charlie e falou: — Era o líder da Equipe Angels. Eles agora acreditam que Isabel tenha deixado o país. Falaram com a empregada do andar de cima, e o passaporte da Isabel não está lá. Mas, por algum motivo, ela não levou nenhuma mala.

— Ela não está fazendo um novo tratamento?

— Sim, mas parece que não compareceu a nenhuma das consultas com o psiquiatra essa semana.

Charlie deu um suspiro profundo. Aquilo não era um bom sinal.

5. E, se você por acaso for convidado, saiba que mesmo assim terá de desembolsar uma taxa de US\$ 20 mil para garantir sua vaga, a menos que seja uma das pessoas listadas na nota de rodapé a seguir. (Pessoas bonitas nunca precisam pagar nada.)

6. Entre os que já compareceram estão Leo, Brad, Angelina e Bono.

7. Acrônimo para Informal Gathering of World Economic Leaders (Reunião Informal dos Líderes Econômicos Mundiais), o mais exclusivo dos santuários da conferência, tão secreto que os encontros são realizados em uma localização não divulgada, escondida no Centro de Convenções.

8. Em cantonês, “obrigado, obrigado”.



HOTEL FULLERTON, CINGAPURA

Todos os meses, Rosalind Fung, a herdeira da propriedade, oferecia um Banquete da Fraternidade Cristã para trezentas de suas amigas mais próximas no opulento salão de baile do Hotel Fullerton. Um convite para aquele encontro era bastante cobiçado por certo segmento da sociedade de Cingapura, independentemente de filiação religiosa, porque era um selo de aprovação da velha guarda (não havia nem um único *chindo*⁹ ou chinês do continente à vista) — e também porque a comida era *divina*: Rosalind trazia seus chefs particulares, que tomavam conta da cozinha do hotel por um dia e preparavam um gigantesco banquete estilo bufê com os mais maravilhosos pratos da culinária de Cingapura. Mais importante: esse bacanal bíblico era *totalmente gratuito*, graças à generosidade de Rosalind, embora as convidadas devessem fazer uma contribuição para o cesto de doações imediatamente após a oração de encerramento.¹⁰

Tendo escolhido estrategicamente uma mesa bem próxima da área do bufê, Daisy Foo suspirou ao ver Araminta Lee de pé na fila da estação de macarrão, servindo-se de um pouco de *mee siam*.

— *Aiyah*, essa Araminta! *Bein kar ani laau!*¹¹

— Ela não parece velha, só está sem maquiagem nenhuma, só isso. Mulheres que fazem o tipo top model não são nada sem maquiagem — comentou Nadine Shaw, enquanto devorava sua tigela fumegante de macarrão *mee rebus*.

Colocando mais pimenta em seu *mee goreng*, Eleanor Young comentou:

— Não é nada disso. Eu costumava vê-la nadar no Clube Churchill, e ela parecia linda até quando saía da piscina toda encharcada, mesmo sem um pingo de maquiagem. O rosto dela mudou, ponto. Ela tem um tipo de rosto que eu sempre soube que não envelheceria bem. Quantos anos ela tem? Vinte e sete? Vinte e oito? Para ela já era, *lah*.

Naquele momento, Lorena Lim e Carol Tai chegaram à mesa com pratos cheios de comida empilhada em montes perigosamente altos.

— Esperem aí, esperem aí... Quem é que está envelhecendo mal? — perguntou Lorena, ansiosa.

— Araminta Lee. Naquela mesa ali, com todas da família Khoo. Ela não está toda chupada? — perguntou Nadine.

— *Alamak*, não diga uma coisa dessas, Nadine! Não sabe que ela acabou de sofrer um aborto espontâneo? — sussurrou Carol.

As mulheres todas olharam para Carol, boquiabertas.

— De novo? Está brincando? Quem te disse isso, *lah*? — perguntou Daisy, incisiva, ainda mastigando seu *mee pok*.

— E quem mais? Kitty, *lor*. Kitty e Araminta estão superamigas agora, e, desde esse último aborto, ela tem passado um bom tempo na casa da Kitty brincando com a Gisele. Ela está arrasada.

— E com que frequência você vê Kitty e Gisele? — perguntou Lorena, espantada com o fato de Carol estar sendo tão boazinha com sua ex-nora, a mesma mulher que traiu seu filho, Bernard,

com um homem que ela conheceu no enterro do falecido sogro e que depois arrastou Bernard para um divórcio e uma batalha de custódia especialmente destrutivos. (Claro, não faz mal saber que Carol abominava o novo estilo de vida do filho, à base de ioga e “daquela dieta jurássica ridícula”, duas coisas que ela considerava satânicas.)

— Vou à casa da Kitty pelo menos uma vez por semana, e Gisele me acompanha na igreja todo domingo — relatou Carol, toda orgulhosa.

— E é saudável Araminta brincar com a sua neta quando ela acabou de perder um bebê? — Nadine se perguntou em voz alta.

— *Aiyah*, tenho certeza de que a velha Sra. Khoo deve estar pressionando *muuuuito* Araminta para que lhe dê logo um neto! Faz cinco anos que ela se casou com Colin! Meu Nicky e minha Rachel já estão casados há dois anos e ainda não me deram nenhum! — reclamou Eleanor.

— Mas Araminta ainda é jovem, tem muito tempo, *lah* — argumentou Nadine.

— Com todo o lado de Dorothy Koo deserdado, o lado de zés-ninguéns de Puan e de Nigel Khoo fugindo para se casar com aquela *cantora de cabaré russa*, que obviamente é velha demais para *seh kiah*,¹² Colin e Araminta são a última esperança de levar adiante o nome da família Khoo — comentou Daisy.

Sendo uma Wong de berço, dos Wongs das minas de alumínio, Daisy possuía um conhecimento enciclopédico da história social de Cingapura.

Todas as senhoras balançaram a cabeça, lançando olhares cheios de pena para Araminta, que, para todos os outros a não ser aquelas mulheres de olhos hipercríticos, estava perfeitamente magnífica em seu minivestido amarelo listrado Jacquemus.

— Bem, Eleanor, sua sobrinha Astrid acabou de chegar. Está aí uma garota que parece que nunca envelhece — comentou